

TEMA: Clínica Médica

A importância da comunicação na prática de cuidados paliativos

Izabella Araújo de Oliveira¹; Natalia Filardi Tafuri²

¹Acadêmica do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas;

²Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Patos de Minas.

E-mail para contato: araujoo.izabella@gmail.com

RESUMO

Introdução: Sendo cuidados paliativos uma assistência, que objetiva a melhoria da qualidade de vida do paciente e seus familiares, diante da ameaça à continuidade da vida, por meio da prevenção e alívio do sofrimento, da identificação precoce, avaliação e tratamento de dor e demais sintomas físicos, sociais, psicológicos e espirituais, a comunicação é parte essencial do tratamento que permite conhecer os anseios do paciente e, sobretudo a maneira que o mesmo deseja realizar o tratamento diante de uma doença que ameaça a vida. **Objetivo:** Realizar uma revisão de literatura para analisar a relevância da comunicação adequada na prática de cuidados paliativos. **Metodologia:** Foi realizada revisão de literatura a partir de artigos disponíveis online e em português no período de 2007 à 2017, sendo necessário um tempo maior pela escassez de artigos relacionados à temática de uma doença ameaçadora de vida. **Resultados e Discussão:** Observou-se que a comunicação deve ser pautada em empatia, sendo a vontade do paciente sempre respeitada. **Conclusão:** É necessário compreender a demanda de cuidados do paciente a partir da sua própria vivência e procurar não impor a vontade do profissional de saúde, mesmo que ela fragilidade do paciente no momento diagnóstico as reações e as demandas sejam diversas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação em Saúde. Cuidados Paliativos.

INTRODUÇÃO

Os cuidados começam quando se reconhece a diferença. Reservo o nome “prestadores de cuidados” às pessoas que estão desejosas de escutar os doentes e de responder às suas experiências individuais. Os cuidados nada têm a ver com categorias. Quando o prestador de cuidados transmite ao doente que se preocupa com a sua singularidade, está a conferir significado à vida dessa pessoa. (Frank, 2001, p. 58).

A problemática vivenciada no Brasil relaciona-se com a dificuldade de lidar com o fim da vida, ocasionada pelo avanço técnico científico, como os alcançados no campo de diagnóstico e tratamento, que modificou a prática médica, dando maior enfoque ao tratamento curativo, trazendo maior sobrevivência aos pacientes, e afastando cada vez mais a dita morte natural (ANDRADE, C. G. et. al., 2017). No entanto, o aumento do tempo de vida não tem implicado, necessariamente, na melhoria da qualidade de vida na velhice ou após processos de adoecimento, intensificando a necessidade do cuidado, com foco nas ações paliativas.

A definição mais recente de Cuidados Paliativos, encontrada no Atlas Global de Cuidados Paliativos da Organização Mundial de Saúde (WHO) caracteriza-o como:

Uma abordagem que melhora a qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias que enfrentam o problema associado a risco de vida doenças, através da prevenção e alívio do sofrimento por meio de identificação e avaliação e tratamento impecáveis da dor e outros problemas físicos, psicossociais e espirituais (Organização Mundial de Saúde, 2014, p.5)

A comunicação, prática inata da vida humana, apresenta-se como um dos instrumentos mais relevantes para promoção de uma assistência humanizada ao paciente fora de possibilidades de cura, sendo prática essencial para o estabelecimento de um bom relacionamento interpessoal entre o ser que cuida e o ser que é cuidado, permitindo a manifestação de valores, significados, medos e angústias, podendo reduzir os agravos causados pela avançada fase da doença e valorizar os aspectos considerados importantes pelo paciente, garantindo qualidade de vida no tempo restante (ANDRADE, C. G. *et. al.*, 2017).

Diante essa problemática, o objetivo desse estudo foi realizar uma revisão de literatura para analisar a relevância da comunicação adequada na prática de cuidados paliativos.

METODOLOGIA

O presente estudo utilizou como método a revisão narrativa da literatura, a qual busca reunir e resumir o conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado, a parti de uma pesquisa exploratória, não se busca esgotar as fontes de dados sobre a temática, mas analisar pontos em comuns da literatura (FERENHOF e FERNANDES, 2016). A revisão literária foi realizada por meio da análise de artigos publicados no período entre 2007 e 2017 pelo Google Acadêmico, usando como descritores as palavras comunicação e cuidados paliativos associadas. Os critérios de inclusão foram a data de publicação, artigos em português e disponibilizados na íntegra de forma online. Após a leitura criteriosa do material selecionado foi realizada a análise e interpretação das informações para elaboração do presente resumo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Almeida e Garcia (2015) é responsabilidade do profissional de saúde que trabalha com cuidados paliativos oferecer um cuidado visando à qualidade de vida e considerando a morte como um

processo natural. Para tal, faz-se necessário ao médico abandonar a figura paternalista que deseja proteger o paciente da própria doença, pois essa além de não revelar todo o prognóstico, amenizando a gravidade da doença, impede a compreensão da patologia pelo paciente e prejudica sua tomada de decisão. Dessa forma, mesmo com o prolongamento da vida sua qualidade estará reduzida, justamente o contrário do que se espera da ação de cuidados paliativos. A cultura curativista também é posta como uma problemática, pois mesmo no ensino médico atual, a capacitação para controle de sintomas que respeite a autonomia do paciente é mínima, o que gera equívoco no tratamento, prejudica a sobrevivência do paciente e acarreta ao profissional sentimentos de frustração, impotência e fracasso.

Ressalta-se que somente através de uma comunicação adequada a autonomia do paciente será garantida, proporcionando um cuidado individual de qualidade, com redução de conflitos, anseios e sintomas. É importante destacar que sentimentos inerentes a esse processo como compaixão e solidariedade, podem fazer parte da comunicação, mas não são estratégias para tal (ALMEIDA, K. L. S.; GARCIA, D. M., 2015).

De acordo com Andrade *et al.* (2017) a relevância da comunicação adequada em cuidados paliativos, se deve às características dessa modalidade de tratamento que deve destacar as relações interpessoais do paciente, observando seus aspectos biopsicossociais, e atuando para aliviar o sofrimento decorrente da doença. A comunicação deve ser pautada em compaixão, empatia, humildade e honestidade, destacando a necessidade de habilidades de comunicação para que a resposta seja clara e consiga mostrar ao paciente a realidade da situação enfrentada, de modo que o profissional demonstre preocupação e interesse no bem estar do doente e da sua família, havendo responsabilidade e interação entre a equipe de saúde, tanto no momento do diagnóstico, quanto no acompanhamento da patologia.

Para Borges e Junior (2014) a principal dificuldade enfrentada na comunicação em cuidados paliativos decorre do ensino institucional dos profissionais de saúde que aprendem a priorizar a vida e buscar saúde, mas não aprendem a lidar com a perda de saúde, de vitalidade e mesmo com a morte. Os autores ainda realçam o medo dos profissionais de abordar a terminalidade e a morte pela crença de que poderão aumentar a dor e o sofrimento do paciente. Mas, quando esses assuntos não são abordados os pacientes tendem a se calar, para evitar o sofrimento familiar, isolando-se emocionalmente com seus medos, anseios e dúvidas que ao serem respondidos garantiram maior tranquilidade.

Os mesmos autores pontuam que a comunicação pautada na compaixão e empatia, mostrando ao doente que ele não está só naquele momento difícil, e que o tratamento acarretará maior qualidade de vida, é capaz de acrescentar esperança de viver, além de permitir a resolução de pautas pendentes. Assim, mesmo com as dificuldades advindas da graduação, e o medo de dar ao paciente notícias habitualmente tidas como ruins, é o uso de uma comunicação adequada que permite aos profissionais de saúde conhecerem os anseios, temores e expectativas do ser cuidado, e baseado nessas necessidades capacita-o para definir o melhor tratamento para o alívio dos sintomas. Isso possibilita a ampliação da rede de apoio pelo conhecimento dos seus valores pessoais e espirituais. Torna-se, portanto, uma relação mais interativa entre o profissional e o paciente, de maneira que a sua autonomia é reforçada, fazendo com que o paciente se sinta cuidado e acompanhado, diminuindo suas incertezas e facilitando o enfrentamento do processo de morte para ele e sua família (BORGES e JUNIOR, 2014).

O estudo de Araújo e Silva (2007) traz a visão dos pacientes frente a comunicação no contexto dos cuidados paliativos, e aponta que essa permite a criação de uma relação de confiança entre os profissionais de saúde atuando como importante componente do cuidado no fim da vida, pois o compartilhamento de sofrimento permite reduzir o estresse psicológico do paciente. Desataca-se ainda a importância da comunicação não verbal, pois o paciente só conseguirá demonstrar seus anseios e medos ao sentir-se seguro no ambiente, afirmando ser diferencial olhar no olho e a própria presença nos momentos mais difíceis. Aponta-se a necessidade de respeitar a vontade do paciente, já que nem todos desejam abordar as questões da finitude da vida, e que muitos pacientes preferem tratar o assunto com bom humor e risadas, o que pode proporcionar um alívio da ansiedade, da tensão e da insegurança. Além disso, essa prática pode ser vista como mecanismo de coping, através do qual o indivíduo consegue lidar com questões opressivas, permitindo distanciar-se do estresse, mostrar sentimentos que geralmente são difíceis de expressar e lidar, como a impotência e o medo, esquecer as preocupações, evitar conflitos, aliviar a tensão e relaxar.

O estudo de Galvão, Borges e Pinho (2017) traz a maneira como o paciente identifica a comunicação de más notícias, apontando que no momento do diagnóstico de uma doença terminal a equipe de saúde é percebida como estranha em um momento de intimidade, mas que a comunicação pautada em uma postura de solicitude, favorece a expressão do paciente, para que, junto com a equipe profissional possa ser identificada a necessidade de ajuda. Os autores ainda relatam que o anúncio da má notícia provoca no paciente um forte impacto emocional, quase sempre acompanhado de medos, angústias e incertezas, cabendo ao profissional de saúde o papel de conselheiro, mostrando-

se disponível para as necessidades do seu cliente. Reverbera-se a importância da comunicação ao dar autonomia para o paciente, para que este se sinta parte das escolhas tomadas para seu tratamento, o que garantirá maior colaboração e seguimento adequado das orientações dadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o que foi exposto, discute-se que os profissionais de saúde ainda não estão preparados para lidar com diagnósticos de terminalidade. E apesar, da maioria dos estudos analisados apontar para a necessidade de deixar claro ao paciente sua condição de saúde, para que este possa decidir o que deve ser feito nesse momento tanto em relação ao cuidado com a sua saúde, quanto a pendências pessoais, alguns autores apontam que a maioria dos pacientes prefere não lidar com isso, preferem falar sobre outras coisas e deixar o diagnóstico em um segundo plano. Ressalta-se que mesmo quando o paciente não almeja saber o seu diagnóstico, esse deve ser passado para um familiar, para garantir o poder de escolha do paciente.

Apesar de não ser consenso o desejo do paciente de lidar com o processo de morte, os estudos apontam para o reconhecimento da fase em que o paciente se encontra, já que mesmo aqueles que hoje não desejam falar sobre isso, podem necessitar de esclarecimentos em outra hora. Ressalta-se para tanto o papel do profissional de saúde frente a essa situação, já que frente ao diagnóstico, são as habilidades de comunicação que o permitirão perceber as necessidades de cada paciente em cada momento.

É apontado como fator fundamental a necessidade de empatia pela situação e de mostrar através da linguagem não verbal que se importa com o paciente e que está não vai abandoná-lo, mostrar-se disponível para garantir que o resto de vida que tem será permeado de qualidade. É importante que o médico seja claro quanto ao diagnóstico, permitindo ao paciente acertar pendências desse momento. Coloca-se como necessário a comunicação entre a equipe e da equipe com os familiares, reverberando um dos pilares de cuidados paliativos que é o apoio à família.

Espera-se que a equipe esteja preparada para vivenciar as mais diversas reações dos pacientes, pois no momento de um diagnóstico terminal, inicia-se o processo de luto, e a depender da rede de apoio do paciente as reações podem ser as mais diversas. Além disso, pelas vivências já obtidas cada paciente reage de uma maneira, e o profissional deve saber abordar tanto os pacientes que reagem com choros e negação, quanto aqueles que preferem lidar com bom humor e brincam com a situação.

Nota-se a necessidade da realização de mais estudos que relacionem a comunicação equipe-paciente-família, já que na busca realizada apenas um artigo tratava a visão do paciente em relação a comunicação com o profissional de saúde, apesar da finitude da vida e a comunicação serem assuntos importante em todo tempo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, K. L. S.; GARCIA, D. M. O Uso de Estratégias de Comunicação em Cuidados Paliativos no Brasil: Revisão Integrativa. **Cogitare Enferm.**, Out/Dez, 2015.

ANDRADE C. G. et al. Cuidados paliativos e comunicação: estudo com profissionais de saúde do serviço de atenção domiciliar. **Rev Fund Care Online.**, 2017 jan/mar.

ARAUJO, M. M. T.; SILVA, M. J. P. A comunicação com o paciente em cuidados paliativos: valorizando a alegria e o otimismo. **Rev Esc Enferm USP.**, 2007.

BORGES, M. M.; SANTOS JUNIOR, R. A comunicação na transição para os cuidados paliativos: artigo de revisão. **Revista Brasileira de Educação Médica.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 275-282, 2014.

GALVÃO M. I. Z.; BORGES M. S.; PINHO D. L. M. Comunicação interpessoal com pacientes oncológicos em cuidados paliativos. **Rev Baiana Enferm.** 2017.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. DESMISTIFICANDO. A Revisão de Literatura como Base para Redação Científica: Método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.** Florianópolis, SC. 2016

Frank, W. A. **At the will of the body: reflections on illness.** Boston: Mariner Books- Houghton Mifflin, 2001. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=5KLXsi4Hh78C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 03/10/2019

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Atlas of Palliative Care at the End of Life.** [s. d.]. Disponível em: https://www.who.int/nmh/Global_Atlas_of_Palliative_Care.pdf Acesso em: 01/10/2019